

NECESSIDADE DE REFORMULAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA DE CAFÉ

Eng.º Agr.º Rubens Araujo Dias

1 — INTRODUÇÃO

Sem dúvida alguma, o café foi e continua sendo o produto que mais tem contribuído para o desenvolvimento econômico do Brasil. E isso se deu através da importante participação histórica na constituição da receita cambial do país, pela transferência de renda para outros setores, quer devido aos sistemas cambiais artificiais e mesmo hoje através das quotas de contribuição e pela ponderável participação na formação de capital dentro do próprio setor agrícola.

E, não restam também dúvidas que para se conseguir a aceleração do nosso processo de desenvolvimento, a economia brasileira tem que continuar dependendo significativamente da contribuição cafeeira. Uma eventual diminuição na produção brasileira, impedindo que o Brasil atenda suas quotas de exportação, dentro do convênio internacional do café, traria reflexos negativos bastante graves, que conjugados com a expansão da produção do café em outros países, tiraria do Brasil a posição decisiva que sempre desempenhou no mercado mun-

dial dêsse produto. E, as eventuais quedas futuras no valor de nossas exportações poderiam anular os esforços que o governo federal vem realizando no sentido de aumento ponderável em nossa receita cambial, o que é indispensável a um mais rápido processo de desenvolvimento econômico.

É importante que se aponte que nas últimas 8 safras, só em uma se conseguiu colheita superior às nossas necessidades de consumo interno e exportações. Como conseqüência, os estoques em poder do IBC, antes volumosos, hoje já se encontram em níveis perigosos, levando-se em conta as próximas perspectivas.

Os cafeicultores, sofrendo descapitalizações em anos seguidos em vista de preços comprimidos do produto e ainda tendo suas produções diminuídas por efeitos climáticos des-

favoráveis, não estão reagindo aos planos governamentais de renovação da cafeicultura. E, haja visto, que em 1969, enquanto os governos, federal e o de São Paulo, se empenhavam no plantio de 80 milhões de pés, não se deve atingir nem a metade dessa meta.

A recente constatação da presença da ferrugem em extensa área cafeeira vem caracterizar uma situação extremamente perigosa à necessária recuperação da cafeicultura brasileira. Com a eventual penetração dessa doença nas zonas cafeeiras importantes do Brasil, ou seja São Paulo, Paraná e Sul de Minas iria se acrescentar a curto prazo um nôvo e quase insuperável obstáculo ao citado programa de renovação, e ainda mais, provocar, na melhor das hipóteses, encarecimento nos custos de produção, devido aos tratamentos necessários, e diminuições nas já

insuficientes colheitas, com reflexos altamente negativos à consecução dos objetivos governamentais mencionados.

É imperioso, pois, que se programe uma nova política cafeeira, tendo em conta as sensíveis alterações ocorridas, de modo que se possa evitar, ou pelo menos, diminuir os riscos de transformações em nossa produção cafeeira que sejam altamente danosas não só à economia agrícola, mas a todo o processo de nosso desenvolvimento econômico.

2 — SITUAÇÃO MUNDIAL

No período de após-guerra até a primeira metade da década dos 60, a situação mundial do café caracterizou-se por crescentes produções em níveis superiores ao consumo que geraram contínuas acumulações de estoques. A alta de preços logo após o término da segunda guerra e que atingiu o máximo

em 1954, estimulou plantios em várias regiões do mundo, principalmente no Brasil (Norte do Paraná) e na África. Cite-se, a respeito, que entre o quinquênio de 1945/49 e o de 1958/62 a produção mundial exportável passou de 28,5 milhões para 56,5, tendo atingido o recorde na colheita de 1959, quando se obteve 67,3 milhões de sacas. Os dados constantes do quadro 1 ilustram igualmente a evolução ocorrida.

Com a produção crescendo em ritmo maior que o consumo houve a evidente tendência de queda nos preços que teria sido mais violenta não fôra a defesa de mercado realizada pelo Brasil, facilitada mais recentemente, principalmente depois de 1962, quando o Acôrdio Internacional do Café passou a se tornar cada vez mais efetivo.

Em síntese, pode-se acrescentar que depois de atingir os altos níveis de quase 90 "cents"

de dólar por libra (café brasileiro em Nova York) em inícios de 1954 houve uma tendência de queda gradual e com as maiores colheitas do fim dos anos 50 chegou a cotações inferiores a 40 "cents". Em seguida a outra geada brasileira, a de 1963, ocorreu nova recuperação e, de modo geral os preços permaneceram entre 48 e 38 cents, com tendência decrescentes até fins de 1969.

Mas, na realidade, o Brasil é que assumia as maiores responsabilidades não só pela relativa sustentação dos preços e assim carregando a quase totalidade dos estoques que iam se acumulando, mas igualmente pelo estabelecimento de programas específicos visando adequar a produção à demanda. Conforme se verifica pelos dados do quadro 1 a redução nas produções mundiais se deveu exclusivamente à diminuições nas colheitas brasilei-

ras. No entanto, o estabelecimento de quotas de exportação, dentro do Acôrdo Internacional, a criação de sucessivos meios de contrôle e a acomodação dos preços, atuaram no sentido de diminuir o crescimento da produção em outras áreas do mundo. A rigor, se poderia dizer que a Colômbia vem mantendo estável essa produção, os demais países americanos apresentam um pequeno aumento, enquanto os países africanos acusam ainda aumentos, embora não nas proporções anteriores.

Atualmente, enfrenta-se uma situação inversa da existente há poucos anos. O consumo mundial (dos países importadores) situando-se em torno de 53 milhões de sacas é bem superior às produções exportáveis que vem sendo conseguidas e está sendo atendido com a conseqüente absorção dos estoques antes acumulados.

QUADRO 1. — Situação Mundial do Café
em milhões de sacas de 60 kg

Item	Médias de quinquênios			Safras Comerciais				
	1953/54	1958/59	1963/64	1965/66	1966/67	1967/68	1968/69	1969/70 ⁽¹⁾
	a	a	a					
	1957/58	1962/63	1967/68					
I — Produção Exportável								
Brasil	16,4	26,6	16,0	29,6	9,2	14,8	8,1	9,3
Colômbia	5,8	6,8	6,7	7,0	6,3	6,7	6,6	6,5
Outros da América	6,7	8,5	9,6	9,8	8,8	10,2	9,0	9,6
África	7,3	12,6	16,2	16,7	14,8	17,7	17,0	17,2
Ásia e Oceânia	1,2	2,0	2,5	2,4	2,5	2,4	2,5	2,3
Total	37,4	56,5	51,0	65,5	41,6	51,8	43,2	44,9
Total menos Brasil	21,0	29,9	35,0	35,9	32,4	37,0	35,1	35,6
	1954 a 58	1959 a 63	1964 a 68	1966	1967	1968	1969 ⁽¹⁾	1970
II — Exportações								
Brasil	13,7	17,4	16,3	17,0	17,3	19,0	19,6	
Colômbia	5,4	6,1	6,0	5,6	6,1	6,6	6,5	
Outros da América	6,7	8,2	9,4	9,4	9,5	10,0	...	
África	7,8	11,4	15,2	15,7	15,2	16,6	...	
Ásia e Oceânia	1,0	1,5	2,4	2,6	2,3	2,2	...	
Total	34,6	44,6	49,3	50,3	50,4	54,4	...	
III — Importações								
Estados Unidos	19,8	23,2	22,6	22,1	21,3	25,4	20,2	
Europa	12,3	17,8	22,8	22,7	23,6	25,2	27,3	
Outros	2,9	3,7	4,8	5,0	4,8	5,3	5,5	
Total	35,0	44,7	50,2	49,8	49,7	55,9	53,0	

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola com dados básicos do Bureau Pan Americano do Café, USDA, G. Gordon Paton e IBC.

Essa situação, agravada com a ocorrência de fatores desfavoráveis no Brasil — forte e generalizada geada no Norte do Paraná e seca em São Paulo —, afetando as já menores produções brasileiras, fez com que se verificasse novo movimento de alta nas cotações mundiais de café.

Segundo os preços indicadores da O.I.C. entre meados de julho de 1969 e maio último ocorreram altas de 47% no caso do café brasileiro, que agora situa-se em torno de 54 “cents” por libra, de 45% no caso dos “milds” colombianos e de 41% para os robustas. Esse movimento de alta nos preços pode dar início a nova “corrida” para incremento de produção, apesar dos controles do Acôrdio Internacional e das próprias políticas internas de alguns países cafeeiros que, a exemplo do Brasil tiraram parte das receitas geradas pelo café.

Cabe ressaltar que no caso da ferrugem se alastrar de maneira mais generalizada nas

principais áreas cafeieras do Brasil, afetando o nosso potencial de produção, poderão ocorrer repercussões ainda maiores nos preços mundiais, com reflexos significativos nas demais áreas produtoras. Nessa hipótese, é ainda difícil se prever qual seria o resultado da ação do O.I.C. em tentar controlar os planos de aumento dos vários países, sendo evidente que qualquer modificação nos viria prejudicar em longo período. Ou, se pode igualmente prever uma corrida incontrolável para plantios, o que criaria, no futuro, uma posição inteiramente diversa para nós no cenário cafeeiro mundial, com repercussões, as mais sérias para a nossa economia. E, ressalte-se que, admitindo-se a entrada plena da ferrugem e, de modo mais otimista, acreditando em uma convivência com essa moléstia, a produção de café no Brasil se faria a custos bem mais elevados, reduzindo ou mesmo anulando a vantagem comparativa que vínhamos mantendo até então.

3 — SITUAÇÃO DO CAFÉ NO BRASIL

Conforme já se caracterizou, devido ao aumento de produção ocorrido no período após-guerra houve sensível acumulação de estoques, em grande parte devido à política adotada pelo Brasil de defesa dos preços externos, visando assegurar um nível satisfatório de receita cambial. Essa acumulação de estoques se intensificou após a grande safra de 1959/60, devendo ter atingido o máximo no início da safra 1966/67, quando, aliás, as produções já estavam em níveis que se poderiam considerar como normais (quadro 2).

Na realidade, o governo preocupado com a evolução da situação descrita, já vinha desde a safra 1958/59 estabelecendo os preços internos em níveis desestimulantes que continuaram a prevalecer até meados de 1969, a não ser com a exceção da safra 64/65, que foi anormalmente pequena. Essa compressão de preços que deve-se admitir como instrumento válido para enfrentar a

situação de super-produção inicialmente existente, foi, no entanto, aplicada por período demasiadamente longo e, principalmente depois de meados da década de 1960, em escala nitidamente exagerada, tendo em conta as modificações que já então ocorriam na situação estatística.

E, isso, porque ao lado da compressão de preços, o governo efetivou dois programas de erradicações pagas, um iniciado em 1962 e outro em 1966, tendo sido erradicados um total de 1.379 milhões de cafeeiros. No entanto, embora as informações estatísticas não sejam bastante precisas, estima-se que o parque cafeeiro brasileiro foi diminuído de 1,8 bilhões de pés entre 1960 e 69. Atualmente, deve-se contar com 2,2 bilhões em comparação com os 4 bilhões existentes em 1960.

Aliás, ressalte-se que a compressão de preço já mencionada, aliada à fatores climáticos desfavoráveis presentes em várias safras — só nesta última década ocorreram geadas em 4 anos (1962, 63, 66 e 69) além

QUADRO 2. — Situação Estatística do Café no Brasil
em milhões de sacas de 60 kg

Item	1959/60	60/61	61/62	62/63	63/64	64/65	65/66	66/67	67/68	68/69	69/70 (¹)	70/71 (²)
1. Estoque inicial (³)	24,0	44,3	52,0	57,3	62,6	59,7	57,5	70,6	63,4	59,2	48,2	38,5
2. Produção registrada	44,1	29,8	35,9	28,7	23,1	18,1	37,8	17,6	23,4	16,8	18,1	12,0
A - <i>Suprimento</i> (1 + 2)	68,1	74,1	87,9	86,0	85,7	77,8	95,3	88,2	86,8	76,0	66,3	50,5
3. Exportação exterior	17,9	16,1	17,4	16,9	18,9	12,4	16,5	16,4	19,0	19,1	19,1	...
4. Consumo interno	5,5	5,5	5,7	6,5	7,1	7,9	8,2	8,4	8,6	8,7	8,7	...
5. Outros	0,4	0,5	7,5	—	—	—	—	—	—	—	—	...
B - <i>Consumo geral</i> (3 + 4 + 5)	23,8	22,1	30,6	23,4	26,0	20,3	24,7	24,8	27,6	27,8	27,8	27,5
C - <i>Estoques final</i> (A - B)	44,3	52,0	57,3	62,6	59,7	57,5	70,6	63,4	59,2	48,2	38,5	23,0

(¹) Preliminar.

(²) Previsões.

(³) Estimativa dos estoques oficiais mais os existentes nos canais de comercialização.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola com dados básicos do IBC e informações oficiais.

das sêcas mais fortes de 1964 e 69 — reduziram de forma acentuada as rendas da cafeicultura.

Assim, a conjugação desses fatores — preços comprimidos, programas de erradicação e adversidades climáticas — contribuiu para a redução substancial do nosso potencial de produção, que mesmo antes da geada de 1969 e do recente aparecimento da ferrugem já causavam preocupações, a ponto do próprio IBC ter iniciado elaboração de plano de renovação de lavouras.

Como consequência da ação daqueles fatores, obteve-se nas últimas sete safras, de 1963/64 até a que se finda (1969/70), uma produção global de 154,8 milhões de sacas (veja detalhes no quadro 2), insuficiente para atender o consumo de 178,9 milhões. Com a nova safra de 1970/71, quando se pode esperar uma produção registrada de 12,0 milhões, incluídos aí os cafés da safra de 1969 retidos por produtores, e admitindo-se um consumo equivalente ao dos últimos 3 anos, ir-se-ia ter

que nessas últimas oito safras deve ter ocorrido uma redução de 40 milhões de sacas nos estoques então existentes. E, frise-se que em todo esse período de 8 anos, só tivemos uma safra, a de 1965/66, em que a produção excedeu ao consumo.

Em decorrência dessa evolução, admitindo-se que a safra 1970/71 deva iniciar-se com um estoque total de 38,5 milhões de sacas, dos quais uns 30/32 em mãos do governo, ir-se-ia ter no fim dessa safra um remanescente total de 23 milhões, dos quais uns 18 em poder do IBC, estoque esse que em vista da presente situação já discutida, com baixo potencial de produção e com a ferrugem se alastrando, apresenta-se como nitidamente insuficiente para o resguardo do próximo futuro e que tenderia a se esgotar dentro de 2 a 3 anos.

Isso principalmente porque o nosso potencial de produção está não só bastante reduzido, mas também sujeito a incertezas, devido à ação da ferrugem e de eventuais geadas, nas zo-

nas mais sujeitas. A grosso modo, pode-se dizer que dos nossos 2,2 bilhões de cafeeiros apenas 1,3 se localizam nas zonas mais favoráveis — São Paulo, Sul de Minas e parte do Paraná (zonas velha e nova). Dos restantes, 470 milhões estão localizados nas regiões mais atingidas pela hemileia e 420 no Paraná Novíssimo, zona onde a ação de geadas é mais freqüente.

Embora seja difícil fazer-se qualquer previsão a respeito, pode-se admitir que será o seguinte, o potencial de produção nos próximos 3 anos (quadro 3), caso não ocorram alterações sensíveis de política ou azares climáticos adicionais.

3.1 — POSSIBILIDADE DE AJUSTAMENTOS DA PRODUÇÃO INTERNA

É evidente que modificações, tanto do lado da demanda como da oferta podem alterar êsses prognósticos.

Embora a consciência de que estavam ocorrendo modificações na situação do café nos últimos anos fôsse se generalizando, não houve até agora alterações mais radicais nas li-

nhas de política. Assim, nos dois últimos anos ocorreram tímidas elevações nos preços internos, que só se intensificaram após a geada e mais como consequência das altas ocorridas no mercado mundial mas que ainda assim, de modo algum, podem ser consideradas como de incentivo.

Para melhor avaliar-se essa situação apresenta-se no quadro 4 dados sobre os preços recebidos pelos cafeicultores de São Paulo nos últimos anos.

Por aí se verificam os aumentos ocorridos nos preços em 1968 e 69, tendo no primeiro dêsses anos havido um ganho real de 22% em relação ao ano anterior e de 32,5% entre 68 e 69. Mas, de qualquer modo, êsses níveis não se aproximam dos que podem ser considerados como de incentivo — veja os níveis prevalecente na década de 1948 a 57, ou mesmo os vigentes na safra de 1964. Para a colheita de 70, quando o nível de produtividade será bem reduzido, esperando-se no caso de São Paulo uma colheita de apenas 4,3 milhões de sacas, os preços de ga-

QUADRO 3. — Previsão do Potencial da Produção de Café no Brasil, 1970-72

Estado e zona	Milhões de pés	Rendimento (sc. benef. 1.000 pés)	Produção (milhões sacas)
São Paulo	700	10,0	7,0
Paraná	800	12,0	9,6
Sul de Minas	170	7,0	1,2
Zona da Mata	160	2,5	0,4
Espírito Santo	310	2,5	0,8
Outros	0,4
Total			19,4

rantia do IBC são de 140 cruzeiros. Tomando-se 150 cruzeiros como preço médio, teria-se uma correspondência em cruzeiros de 1968 de 101,00 (admitindo-se que a taxa de inflação caía para 18%), ainda bem distante dos melhores índices já atingidos anteriormente.

Ao lado dessas alterações ocorridas nos preços internos do café, em início de 1969, o IBC/GERCA elaborava plano de renovação prevendo o plantio de 500 milhões de pés em alguns anos, que mesmo após à ocorrência das geadas em julho foi modificado para 100 milhões e posteriormente para 50 que, no entanto, dado o retardamento em que o mesmo foi posto em execução, só deverá resultar em plantios no máximo de 15 milhões de pés,

a grande maioria dos quais no Sul de Minas. E, mesmo em São Paulo, onde o governo estadual tomou a iniciativa de formular programa com os seus próprios recursos só devem ter sido plantados cerca de 20 milhões numa meta de 30 milhões para o 1.º ano. Assim, na presença de programa de 80 milhões de pés só se conseguiu realizar o plantio de 35 milhões.

Na realidade, vários fatores estão impedindo um maior interesse dos lavradores. O principal, foi o longo período de situações difíceis, com baixas rendas e com a conseqüente descapitalização do setor. A alta maior de preços em 1969 só de fato ocorreu depois de setembro quando já não havia mais condições de realizar todo o processo de plantio. E, além

QUADRO 4. — Preços Médios Recebidos pelos Cafeicultores do Estado de São Paulo (Cr\$ por 60 kg)

Média de quinquênios e anos	Valôres Correntes	Valôres em cruzeiros de 1968 (1)
1948/52	0,84	113,70
1953/57	2,06	134,10
1958	1,72	72,20
1959	1,93	58,80
1960	2,59	61,60
1961	3,57	62,60
1962	6,19	71,10
1963	12,50	82,70
1964	31,20	108,30
1965	30,00	69,20
1966	30,29	48,30
1967	40,61	50,40
1968	60,00	60,00
1969	101,60	81,90

(1) Utilizou-se como deflator o índice "2" da Conjuntura Econômica.
Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

disso, enfrenta-se, pela primeira vez em nossa história cafeeira, condições diversas para a implantação de novos cafêzais, pois já não se dispõe de terras novas a serem desbravadas e nas quais os custos de formação eram sensivelmente baixos e a resposta, em matéria de produtividade, era praticamente certa. Hoje, tem que se implantar maciçamente novos cafêzais em terras velhas. Na realidade, essa condição é um verdadeiro desafio, pois os exemplos dos novos cafêzais, os chamados "tipo Campinas", constituem ainda uma minoria. O plantio desse tipo de cafêzais em larga escala exige a presença de número muito maior

de empresários agrícolas esclarecidos, da utilização generalizada da alta tecnologia que requer o emprêgo de volume substancial de capital e na presença, portanto, de riscos bem superiores aos do processo tradicional. E, além disso, a presença da ferrugem alaranjada adiciona dificuldades, pela insegurança de sucesso, mesmo à custa do emprêgo de novas práticas, que acarretando aumento de despesas, de qualquer modo não asseguram a obtenção do nível de produtividade anterior.

Outro ponto a considerar é que êsses cafêzais levam de 3 a 4 anos para começarem a produzir e de 8 a 12 para atin-

girem o máximo de suas produções. E, com o tímido início dos planos de renovação, somente a partir de 1974 e 75 é que poder-se-ia contar com algum aumento na produção devido a êsses novos plantios.

3.1.1 — Problema da *Hemileia*

Coincidentemente com a crítica caracterização da atual situação estatística, novo fator veio adicionar maior complexidade ao atual problema cafeeiro. É a constatação, em meados de janeiro último, em cafeeiros da Bahia da presença de ferrugem alaranjada causada pelo fungo *Hemileia vastatrix*, a mais grave moléstia do cafeeiro arábico e que além de ter dizimado o café de algumas regiões produtoras, vem restringindo o seu cultivo na quase totalidade dos países fora do continente americano, o único que até agora não tinha sido atingido.

Levantamentos procedidos pelo IBC estão localizando a doença em extensa área, abrangendo a Bahia, a quase totalidade da zona cafeeira do Espírito Santo, leste de Minas,

incluindo municípios da zona da Mata e mesmo em um município do Sul de Minas, já dentro da área que se pode considerar como a de verdadeira importância econômica e que abrange mais os Estados de São Paulo e Paraná.

Nesses cinco meses foram realizados êsses levantamentos, mobilizaram-se técnicos tanto nacionais como estrangeiros, esquematizaram-se planos, mas não foram efetivadas as medidas propugnadas e que visavam o estabelecimento de uma faixa de segurança proposta ao longo do meridiano 44 e a erradicação sistemática dos focos constatados.

De um modo geral, pode-se dizer que no momento não se dispõe de conhecimentos que possibilitam uma previsão mais acurada dos efeitos da ferrugem sobre a zona já afetada e eventualmente sobre os cafezais da zona mais importante, ou seja, os do Paraná, São Paulo e Sul de Minas. Sabe-se que as variedades cultivadas entre nós não apresentam qualquer resistência a essa moléstia. E que ela encontra melho-

res condições de propagação nas regiões quentes e úmidas, parecendo ser o fator calor mais importante que a umidade.

A mais curto período, o controle químico, sobre o qual existem pontos a serem ainda esclarecidos, exigindo várias pulverizações, além das dificuldades inerentes a uma larga aplicação, acarretará aumentos significativos nos custos e a viabilidade econômica de seu uso irá depender bastante do comportamento dessa doença nas condições prevaletentes nas várias regiões cafeeiras e da produtividade dos cafeeiros atacados, além evidentemente dos níveis de preços do café.

A mais longo período, ter-se-ia melhores condições de convivência com essa moléstia pela introdução de linhagens que contenham características de resistência à ferrugem. Embora já exista no Instituto Agronômico de Campinas limitado material básico, êle precisa ser multiplicado, o que levará pelo menos cerca de um decênio até que se possa iniciar de forma mais significativa, a substituição de nosso parque cafeeiro.

3.2 — LINHAS GERAIS DE POLÍTICAS RECOMENDADAS

Pela análise da situação atrás apresentada conclui-se que, na ausência da tomada de medidas específicas e de certo modo radicais, os nossos estoques podem se exaurir nos próximos 2 ou 3 anos, com a conseqüente incapacidade de enfrentar-se às necessidades de mercado. De outro lado, deve-se ter em conta que os plantios adicionais só se convertem em aumentos de produção depois dos próximos 4/5 anos (não se considerando o problema da ferrugem). Assim, é necessário que se tomem certas medidas visando adiar o período crítico que poderá ocorrer entre 1972 e 73 para pelo menos 1974/75. Partindo-se dessas preliminares pode-se recomendar as seguintes linhas básicas de política.

3.2.1 — Reduções no Consumo

Básicamente, pode-se recomendar a imediata e total eliminação do subsídio ao consumo interno, cuja existência nas atuais condições pode ser considerada como verdadeiro contra-senso. E, pode-se mesmo sugerir o limite de 5 milhões de sacas para êsse consumo já

liberando cêrca de 3,5 milhões de sacas por ano, o que até o final da safra de 1972/73 significaria um acréscimo de 10,5 milhões de sacas aos estoques, apenas como resultado dessa medida.

Com relação à política de preços em face do mercado mundial, trata-se de matéria bastante complexa e as decisões a respeito devem repousar em estudos e reflexões bastante ponderadas, evitando-se obter ganhos fáceis a curto período.

A continuação da pressão para o prosseguimento do movimento altista pode gerar forte oposição dos países importadores que aliados aos exportadores, desejosos de modificações nas atuais distribuições das quotas de exportação, pode levar à alterações indesejáveis para nós. De outro lado, essas altas poderiam provocar decisões independentes e isoladas em determinadas áreas, principalmente agora em vista da incerteza de uma pronta resposta da produção brasileira aos incentivos de mercado, devido

principalmente ao aparecimento da ferrugem e da não existência de terras virgens adicionais. E, a par dessa situação e da contínua redução de nossos estoques, saberem os nossos concorrentes que com os estoques cada vez menores fica o Brasil, se assim o desejar, sem o poder de continuar a influir de forma decisiva no futuro comportamento do mercado. Como resultado de ações desse tipo, poderia ocorrer um aumento ponderável da produção em outros países, com reflexos prejudiciais à futura posição do Brasil nos negócios cafeeiros mundiais.

3.2.2 — Aumentos mais Imediato nas Produções

Antes da proposição de qualquer medida a respeito deve-se salientar que reações desejáveis só serão conseguidas, em escala ponderável, na presença de incentivos, ou em outras palavras, através da elevação dos níveis dos preços internos. A simples observação da figura 1, já mostra que os preços prevalentes no período de 1958 a 69 foram altamente desestimu-

lantes e provocaram a nítida tendência decrescente na produção, gerando a séria crise atual. Ao observar essa figura, deve-se ter em mente que na realidade a produção das safras de 1964 e a de 1970 se situaram em pontos abaixo dos assinalados que refletem a produção registrada no IBC. E, isso a custa de cafés que deixaram de ser registrados nos anos anteriores. Assim, as altas nos preços em 1964 atuaram apenas para minorar quedas de renda que seriam ainda mais violentas, não tendo nenhum efeito positivo na alteração da tendência prevalecente. Idêntica situação está ocorrendo em 1970. Dêsse modo, não se pode esperar nenhuma reação decorrente primordialmente dos preços previstos pelas últimas resoluções do IBC (1).

Na realidade, pela observação dessa figura poder-se-ia afirmar que apenas preços que variaram entre 120 e quase 170 cruzeiros no período de 1950 e 55, com uma média de 140 cruzeiros de 1968 é que atuaram como de incentivo,

nas condições de oferta vigentes naquela ocasião. O preço médio citado equivale a pouco mais de 200 cruzeiros de hoje.

Mas, com a necessidade de se formar cafêzais em terras velhas com as características já mencionadas e na iminência da infestação pela ferrugem, é evidente que essa situação foi alterada. É na realidade difícil fazer-se qualquer estimativa a respeito. O que se pode, porém, é afirmar que qualquer preço abaixo dos acima mencionados não teria qualquer efeito positivo no sentido de criar incentivos aos agricultores.

Outra preliminar necessária refere-se a pouca efetividade do oferecimento isolado de financiamentos visando alterar situações como essa que se defronta, sem o suporte paralelo de preços de incentivo.

Havendo essas condições básicas, pode-se sugerir um programa de adubações intensas, visando aumentar em curto período e de forma até substancial a nossa produção cafeeira.

(1) Resoluções 499 e 500 de 12 de junho de 1970.

PREÇOS DO CAFÉ NO
INTERIOR DE S. PAULO

CR \$ (de 1968)
POR SACA BENEFICIADA

PRODUÇÃO DE CAFÉ NO
BRASIL

MILHÕES DE SACAS

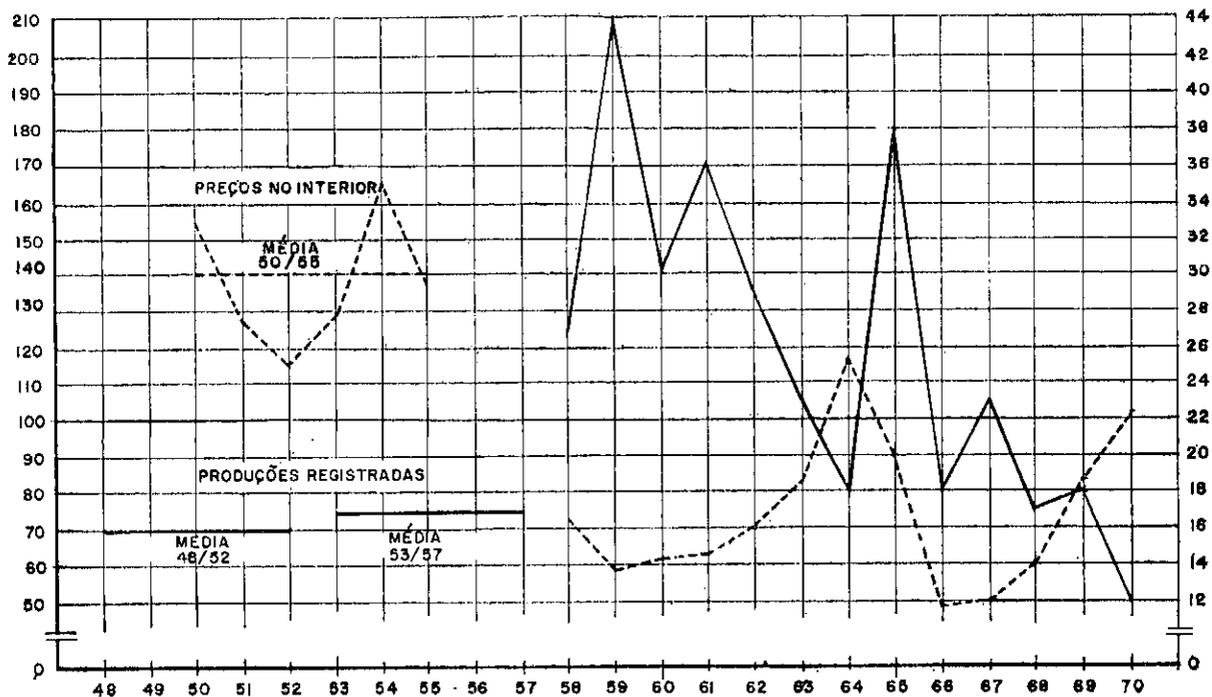


FIGURA 1. — Produção e Preços do Café no Brasil.

Atualmente, os cafêzais de São Paulo, Sul de Minas e os já recuperados da geada do Paraná estão, de um modo geral, bem vestidos e aptos, se as condições de clima não forem desfavoráveis a produzirem bem na próxima safra de 1971. E, isso significa declínio na colheita seguinte de 1972, em vista da variação cíclica existente. Assim, adubações adequadas mais generalizadas iriam não só favorecer a um melhor pagamento das próximas floradas, resultando em uma colheita pouco maior em 71, mas atuariam no sentido de preparar os cafêzais para uma ainda maior colheita em 1972.

No caso de São Paulo, apenas para exemplificar e evidentemente numa base tentativa, pode-se dizer que o emprêgo do dôbro da quantidade global de fertilizantes hoje utilizada no café, ou seja, passando de cerca de 250 mil toneladas para 500 mil, poderia significar um aumento de 40% na produção total esperada, ou seja, 2,8 milhões de sacas, se a produção

prevista fôsse de 7 milhões. Situações semelhantes poderiam ser igualmente obtidas nos outros estados.

No quadro 5 seguinte, tenta-se apresentar duas hipóteses, a primeira na qual não se tomasse qualquer medida visando o contrôle do consumo ou o incentivo da produção, e a segunda onde se restringisse o consumo interno e prevesse comportamento diferente das próximas colheitas.

Tais situações são evidentemente hipotéticas, mas servem para ilustrar as possíveis diferenças de comportamento que podem ocorrer a curto período, caso se tomem ou não medidas de apoio ao setor.

Da correta determinação do preço de incentivo e a aplicação de outras medidas, como o financiamento de fertilizantes com absorção de juros (tipo Funfertil), ou mesmo de seguro contra eventual geada ou alastramento da ferrugem, irá depender o sucesso de um programa dêsse tipo, que pode ser considerado vital na atual emergência.

QUADRO 5. — Estimativas de Situações Estatísticas do Café no Brasil em milhões de sacas

Item	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74
1.ª Alternativa				
Estoque inicial (1)	38,5	18,0	8,5	1,0
Produção	12,0	18,0	20,0	19,0
	50,5	36,0	28,5	20,0
Consumo interno mais exportação	27,5	27,5	27,5	—
Estoque final (1)	23,0	8,5	1,0	—
2.ª Alternativa				
Estoque inicial (1)	38,5	22,0	17,0	17,0
Produção	12,0	19,0	24,0	25,0
	50,5	41,0	41,0	42,0
Exportação	18,5	19,0	19,0	19,0
Consumo interno	5,0	5,0	5,0	5,0
	23,5	24,0	24,0	24,0
Estoque final (1)	27,0	17,0	17,0	18,0

(1) Os estoques da safra de 1970/71 são globais, incluindo os do IBC e os particulares. Os apresentados para as demais safras são estimativas dos estoques oficiais, admitindo-se que os existentes nos canais de comercialização, e que não variam muito de ano para ano, montem a 5 milhões.

3.2.3 — Combate à ferrugem

É desnecessário enfatizar o perigo que corre a cafeicultura brasileira em face desse novo problema. A menos que se confirme a hipótese de que há condições climáticas limitantes ao desenvolvimento dessa doença na zona cafeeira de São Paulo, Sul de Minas e Paraná não será fácil se conseguir pleno sucesso na ultrapassagem desse perigo até que se tenha condições de substituição de parte significativa do nosso parque cafeeiro por variedades mais resistentes à hemileia.

Na realidade, medidas enérgicas de controle, principalmente pela eliminação dos focos devem ser tomadas sem mais perda de tempo, aproveitando-se o período seco e mais frio quando deve ocorrer uma paralisação na expansão dessa moléstia. Dada às mais favoráveis condições de propagação com a entrada da próxima estação chuvosa e de temperaturas mais elevadas ter-se-á novo surto e pode-se dizer que a probabilidade da ferrugem penetrar intensamente na verdadeira zona cafeeira do país,

será tanto menor quanto mais intensa fôr a erradicação dos focos hoje existentes.

3.2.4 — Formação de novos cafêzais

Embora não se deva desestimular a formação de novos cafêzais, devido a crítica situação que se enfrenta, o govêrno deve agir com mais cautela nesse sentido. Isso, em razão da necessária substituição de nossos cafêzais por variedades mais resistentes à ferrugem no próximo futuro. Assim, é preferível, no momento, intensificar ao máximo a produtividade dos atuais cafêzais (através dos incentivos já mencionados), limitar os planos oficiais de renovação às regiões que apresentem condições mais desfavoráveis à ferrugem, facilitando assim o seu contrôle, e deixar a livre iniciativa tomar as suas próprias decisões com relação à formação de novas la-

vouras, induzida pelos novos preços e correndo os riscos existentes.

3.2.5 — Outras medidas

Paralelamente, deve o govêrno dar grande ênfase aos programas de pesquisa, visando obter novas linhagens não só resistentes às várias raças da hemileia, mas também mais produtivas, assim como melhor investigar os meios de contrôle e combate à essa doença.

De outro lado, deve-se igualmente estabelecer um sistema mais efetivo de coleta de estatísticas e de estudos econômicos que levem a um melhor acompanhamento da evolução da situação cafeeira, conhecendo-se com mais precisão todos os elementos indispensáveis à melhor tomada de decisões, governamentais ou privadas, que levem à solução da mais difícil fase porque já passou a nossa cafeicultura.